



## **ASSIMETRIAS RACIAIS NO CAMPO CIENTÍFICO: mídiação de pesquisadores negros brasileiros nos circuitos e circulação do conhecimento**

### **Informações:**

Nome: Marcus Vinicius de Jesus Bomfim

Instituição: Universidade Federal Fluminense

E-mail: marcusbomfim@id.uff.br

Orientador/a: Profa. Dra. Thaianne Moreira de Oliveira

Data prevista para defesa: Janeiro de 2025

Título (provisório) da tese: Assimetrias racializadas da divulgação científica: circulação, mídiação, redes e sociabilidades da produção científica de pesquisadores negros brasileiros

**Resumo:** Nosso projeto de pesquisa quer refletir sobre as relações raciais na produção das Ciências, tomando os circuitos e a circulação do conhecimento científico e os processos comunicacionais do campo como objeto de estudo. Assumimos, como hipótese central que pesquisadoras e pesquisadores negros, na periferia da circulação internacional do conhecimento, usam a mídiação como estratégia sociotécnica para criar redes de apoio e sociabilidades entre si para romper as barreiras do racismo estrutural no campo científico. A compreensão da mídiação como controvérsia latourniana para enfrentamento das assimetrias do campo científico e da comunicação e divulgação científicas e visualização de seus impactos na ordenação social, na percepção da relevância, na competição do acúmulo de capital no campo científico, cujas características demonstram as tensões e disputas desta produção de sentidos do fazer ciência por sujeitos racializados.

**Palavras-chave:** Circuitos e circulação do conhecimento científico. Racismo. Sociologia da ciência. Mídiação da ciência.

### **1 INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO**

Os esforços de toda uma comunidade científica de pesquisadores negros vêm alcançando maior relevância, sobretudo por conta com meios mais abertos para circulação do conhecimento, e do ativismo de seus próprios produtores. Recentemente a historiografia brasileira começou a registrar estas contribuições, mas a invisibilidade e o poder da branquitude persistem, e o impacto da narrativa da neutralidade e objetividade científicas,

subalternizam uma comunidade de cientistas que têm suas perspectivas de construção de conhecimentos questionadas.

Essa pulsão, porém, ainda esbarra no racismo estrutural. De acordo com Almeida (2018), o imaginário social também é um espaço para atuarmos na luta contra o racismo. E a produção científica também é um *locus* privilegiado para o debate do racismo e da branquitude e da identificação das controvérsias para vermos o comportamento dos cientistas, de acordo com Latour (2011).

A compreensão do racismo na circulação e consumo de informações científicas merece atenção. Mesmo com as mídias e redes sociais digitais à disposição, a divulgação científica de pesquisas precisa debruçar-se sobre os modos de circulação da produção científica e trazer evidências de que, sem os processos de mediação dos pesquisadores negros, a invisibilidade seria ainda maior, ou mesmo uma agenda de pesquisas decoloniais e contra-hegemônicas continuariam à margem do conhecimento público ou ainda como se inserem nos espaços globais de circulação científica.

Nosso objetivo é compreender se a mediação produzida por pesquisadores negros brasileiros reflete na divulgação científica e seu impacto social. Trazemos como problema de pesquisa deste projeto a seguinte indagação: Que vieses impactam a mediação da produção científica de pesquisadores negros?

### 1.1. AS RELAÇÕES DO CIENTISTA NEGRO NO CAMPO: PROBLEMATIZAÇÕES

Beigel (2013) aponta que há uma relação clara e explícita de centro e periferia na produção de conhecimento em escala global. Portanto, é de se pensar que, o ponto de partida da produção de pesquisadoras e pesquisadores negros, vem de um subalternidade ainda maior, a periferia da periferia. A percepção do impacto da produção científica está impactada pela ordenação social pelos meios, característica de uma mudança sociocultural da contemporaneidade. Contudo, alguns vieses permanecem, especialmente vieses raciais.

Neste tensionamento entre o sujeito negro pesquisador, racializado no seu cotidiano, encontra-se atravessado por três condicionantes do campo: 1) o seu fazer científico deve estar atrelado a ideias-forças como "neutralidade"; 2) suas pesquisas permitem a elas e eles a alcançarem uma produtividade que confira uma certa reputação acadêmico-científica; e 3) a sujeição a objetos de pesquisa não-racializados para que sua pesquisa tenha maior relevância em seu

campo - o que pode levar ao embranquecimento e apagamento de suas inquietações em produção científica e nos usos sociais da ciência.

Vale a reflexão: se tantas e tantos pesquisadores se debruçam sobre o racismo, em uma sociedade que estruturalmente nega sua existência, no rigor do fazer científico, haverá defensores da ideia de que não há ali uma questão, um fato científico ou problema de pesquisa que satisfaça a Ciência Normal.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nossa proposta metodológica se constitui em quatro etapas, a partir do mapeamento da produção científica de pesquisadores negros a partir da circulação de suas pesquisas, analisando dados de impacto bibliométricos e altmétricos, constituindo assim o nosso *corpus* da pesquisa. Identificados as cientistas negras e negros mais relevantes a partir de suas interações no campo, selecionaremos uma amostra que nos permita categorizar as áreas do conhecimento cujos pesquisadores negros têm alcançado relevância a partir de suas pesquisas. Comparativamente, identificaremos com os dados altmétricos, aquelas e aqueles cientistas mais relevantes suas mediações.

Na segunda etapa pretendemos fazer entrevistas em profundidade para ouvir os pesquisadores mais relevantes do *corpus*, seja pela via bibliométrica quanto pela via altmétrica, para entender não só como enxergam as dinâmicas e circuitos do campo, mas também como constroem ou construíram as estratégias de mediação de seus trabalhos, mas os impulsos originais para criarem ou participarem de comunidades digitais de circulação de conhecimento científico. Interessa a nossa pesquisa as narrativas dos cientistas a respeito da percepção individual do racismo e impactos dele do ponto de vista institucional, valorizando a dimensão social da ciência e seu funcionamento, a partir de Fleck (2012).

A terceira etapa contempla a realização de uma auditoria de imagem conforme Bueno (2005), a partir de amostra formada pelos principais veículos jornalísticos do país, para comparação e verificação, não só do trabalho das assessorias de comunicação para sabermos se as produções acadêmicas destes pesquisadores tem sido (e como são) pautadas na mídia; as fontes científicas elegíveis cada notícia (e suas repetições e em quais contextos se repetem); a veiculação de artigos, colunas, resumos e outros formatos de comunicação, cuja exposição em mídias online e offline dialogam com os processos dos pesquisadores, das instituições às

quais estão vinculados e o impacto de determinadas agendas e temáticas que estão hierarquizadas e influenciam as circulações e os circuitos.

Nosso olhar também estará atento às Instituições de Ensino Superior (IES) e sua comunicação institucional, de acordo com Oliveira (2018) na quarta e última etapa. Adicionalmente à proposta da autora, queremos comparar as estratégias que universidades públicas e privadas promovem para a divulgação científica de seus professores e pesquisadores. Usaremos a técnica de auditoria da comunicação organizacional.

De acordo com Kunsch (2010), a auditoria da comunicação organizacional é responsável por avaliar, reorganizar, solucionar e melhorar o sistema de comunicação de uma organização, visando melhorar o desempenho das práticas comunicacionais, ou seja, tem como propósito examinar e melhorar os sistemas de comunicação interna e externa de uma organização em todos os níveis e seus processos comunicativos desenvolvidos na uma organização. Oportunidade para análises e reflexões sobre o papel das instituições de ensino na mediatização das produções científicas que financiam.

Entendemos ainda que o percurso desta pesquisa poderá usufruir das sete regras metodológicas de Latour (2011) formuladas em *Ciência em Ação*, pois da primeira à terceira etapa estaremos acompanhando as controvérsias que se abrem e se reabrem a partir dos trabalhos destes cientistas negros podem produzir ou da forma como a sociedade interpreta essas controvérsias e recorre ao campo científico para encontrar respostas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa pesquisa poderá contribuir para avançarmos em três frentes. Primeiro, na reflexão não apenas de métricas alternativas, mas de métricas decoloniais, que avancem para a concepção de novas categorias, como a formação de colégios virtuais (ARAÚJO; FURNIVAL, 2016; SANTOS; ARAÚJO, 2021), que sugerem comportamentos que se ampliam para além de uma repercussão na mídia tradicional ou, mesmo em mídias digitais. Isto amplia os princípios altimétricos na medida em que considera o consumo e os usos sociais da ciência como relevantes, e não apenas a circulação em si.

Segundo, um olhar para a dinâmica dos processos de mediatização, colocando em debate a contribuição dos cientistas enquanto divulgadores científicos. Este debate quase sempre leva a uma diferenciação do papel do cientista e do papel do divulgador, de forma apartada. Entendemos que, os cientistas negros tem criado estratégias dentro do funcionamento da

dinâmica do campo científico hoje, a nosso ver, exerce papel relevante, fomentando o que Fleck (2010) identificaria como saberes exotéricos.

A terceira frente responde a ideia da competitividade dentro do campo científico e caracteriza como as relações assimétricas e racializadas no campo impactam o processo de produção do conhecimento científico e, também, na comunicação e divulgação científicas. Isto também pode tornar possível uma crítica a um sistema de produção das Ciências, por muitas vezes alheio às audiências, com diálogo de pouco impacto social, e a imposição de agendas que não contribuem para intervenções compartilhadas com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ARAÚJO, R. F.; FURNIVAL, A.C.M. Comunicação científica e atenção online: em busca de colégios virtuais que sustentam métricas alternativas. **Informação & Informação**, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 68-89, dez. 2016. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n2p68>. Acesso em: 07 maio 2022.

BEIGEL, M. F. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. Fundación Foro Nueva Sociedad. **Nueva Sociedad**, [s.l.], v. 245, n. 5; p. 110-123, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11336/1232>. Acesso em: 07 maio 2022.

BUENO, W. C. Auditoria de imagem na mídia. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p.345-363.

FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

KUNSCH, M. M. K. Auditoria da comunicação organizacional. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 236-251.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, T. Miatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 101-126, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p101-126>. Acesso em: 07 maio 2022.

SANTOS, S. R. O.; ARAÚJO, R. F. Questões étnico-raciais em pesquisas na base dimensions: dados de produção, uso e atenção on-line. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 26, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.78822>. Acesso em: 07 maio 2022.